



BOLETIM DE COMÉRCIO  
EXTERIOR DA BAHIA  
ABRIL 2021

# Sumário

## Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Abril 2021, 3

### Importações, 7

#### Apêndice A – Abril 2021

- Tabela I - Balança comercial - Brasil
- Tabela II - Balança comercial - Bahia
- Tabela III - Balança - Brasil X Bahia
- Tabela IV - Participação do comércio exterior da Bahia no comércio brasileiro
- Tabela V - Exportações brasileiras - Regiões
- Tabela VI - Exportações brasileiras - Principais estados
- Tabela VII - Exportações brasileiras - Nordeste por estados
- Tabela VIII - Exportações baianas - Principais municípios
- Tabela IX - Exportações baianas - Fator agregado
- Tabela X - Exportações baianas - Principais segmentos
- Tabela XI - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos
- Tabela XII - Exportações baianas - Principais produtos
- Tabela XIII - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos
- Tabela XIV - Importações brasileiras por regiões
- Tabela XV - Importações brasileiras - Principais estados
- Tabela XVI - Importações nordestinas por Estado
- Tabela XVII - Importações baianas - Principais municípios
- Tabela XVIII - Importações baianas - Categorias de uso
- Tabela XIX - Importações baianas - Principais produtos
- Tabela XX - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos

#### Apêndice B – Informativo acumulado de janeiro a abril de 2019

- Tabela I - Balança comercial - Brasil
- Tabela II - Balança comercial - Bahia
- Tabela III - Exportações brasileiras - Regiões
- Tabela IV - Exportações brasileiras - Principais estados
- Tabela V - Exportações brasileiras - Nordeste por estados
- Tabela VI - Exportações baianas - Principais municípios
- Tabela VII - Exportações baianas - Fator agregado
- Tabela VIII - Exportações baianas - Principais segmentos
- Tabela IX - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos
- Tabela X - Exportações baianas - Principais produtos
- Tabela XI - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos
- Tabela XII - Importações brasileiras por regiões
- Tabela XIII - Importações brasileiras - Principais estados
- Tabela XIV - Importações nordestinas por estado
- Tabela XV - Importações baianas - Principais municípios
- Tabela XVI - Importações baianas - Categorias de uso
- Tabela XVII - Importações baianas - Principais produtos
- Tabela XVIII - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos



**Governo do Estado da Bahia**  
Rui Costa

**Secretaria do Planejamento**  
Walter de Freitas Pinheiro

**Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia**  
Jorgete Oliveira Gomes da Costa

**Diretoria de Indicadores e Estatística**  
Armando Affonso de Castro Neto

**Coordenação de Acompanhamento Conjuntural**  
Arthur Souza Cruz Junior

**Coordenação Editorial**  
Arthur Souza Cruz Junior

**Elaboração Técnica**  
Arthur Souza Cruz Junior  
Geraldo de Alencar Serra Neto (Coest)

**Coordenação de Biblioteca e Documentação Normalização**  
Eliana Marta Gomes Silva Sousa

**Coordenação de Produção Editorial Editoria Geral**  
Elisabete Cristina Teixeira Barretto

**Editoria de Arte e de Estilo**  
Ludmila Nagamatsu

**Revisão**  
Alcione Zanca

**Editoração**  
Alderlan Oliveira

# Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Abril 2021

As exportações baianas atingiram em abril US\$ 840,5 milhões, com aumento de 55,5% contra igual mês de 2020. Apesar do efeito base que explica parte importante da sua magnitude, a alta na exportação em abril reflete a recuperação do comércio internacional e a intensa demanda chinesa e asiática, que contribuiu para elevar preços e puxar o embarque de commodities. Isso ocorre, sobretudo com a soja, que voltou em grande volume aos portos, após o atraso na colheita e dos derivados de petróleo cujos preços médios tiveram aumento significativo.

As importações alcançaram no mês US\$ 727,8 milhões e aumentaram 91,4%, em relação a abril de 2020. Também sob o efeito da base baixa de comparação, as compras externas foram puxadas principalmente por combustíveis e pela recomposição de insumos que sofreram desabastecimento no mercado externo e interno. Isso aconteceu mesmo com câmbio depreciado, porque o desabastecimento também contribuiu para elevar preços no mercado interno.

As exportações do complexo soja (grão, farelo e óleo) aumentaram 34,2% no mês passado e responderam por 26% das vendas totais do estado ao exterior em abril. Os fortes embarques do grão em março e abril ocorreram após um atraso da safra recorde, que reduziu a exportação no início da temporada.

As projeções para as exportações do grão são as melhores possíveis para a atual safra, considerando o valor baixo dos estoques globais, o aumento da produção na Bahia e a forte demanda asiática, sobretudo da China. O mercado chinês representou quase 57% das vendas do setor esse ano, com um crescimento de 18,6% ante igual período de 2020.

Já o valor das exportações de derivados de petróleo tiveram alta de 433,5% sobre abril do ano passado, impactados por uma alta dos preços, que se elevou em média 113,1% comparado ao mesmo mês de 2020. Novamente o mercado asiático (Cingapura) respondeu por mais de 90% das compras.

No acumulado até abril as exportações baianas acusam crescimento de 7,5%, influenciada muito mais pela alta dos preços médios dos produtos exportados (33,4%) com destaque para soja, derivados de petróleo, produtos metalúrgicos e minerais. Os volumes embarcados avançaram muito menos em alguns segmentos e

chegaram a registrar baixa no total do período (-19,4%), em função do atraso na colheita das lavouras de soja nos primeiros dois meses de 2021 e dos embarques menores de derivados de petróleo.

Os países asiáticos lideram os mercados de destino com 50% de participação no total de vendas até abril. Mas, outros parceiros econômicos da Bahia importantes, que demandam produtos locais, como Estados Unidos (+17,4%), Argentina (+15,4%) e União Europeia (+6,5%), também vivem em um contexto de recuperação econômica, resultando numa demanda crescente de diversos produtos da pauta estadual.

O conjunto de dados pode significar o início de reversão de ciclo de redução do fluxo comercial, que se expandiu 20,1% no quadrimestre, com aproveitamento da retomada do comércio mundial. Em tempos de pandemia e de medidas de restrição à circulação de pessoas, a exportação gera oportunidades de negócios, com efeitos domésticos positivos na geração de riqueza e renda.

**Tabela 1 – Balança comercial Bahia – Jan.-abr. 2020/2021**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2020	2021	Var. %
Exportações	2.415.040	2.596.843	7,53
Importações	1.769.588	2.428.856	37,26
Saldo	645.452	167.986	-73,97
Corrente de comércio	4.184.629	5.025.699	20,10

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 06/05/2021.

Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

O comércio mundial está pronto para uma retomada forte neste ano, mas ela deverá ser desigual. Além disso, há riscos de curto prazo que estão ligados à produção e distribuição insuficientes de vacinas contra a covid-19 e ao surgimento de novas variantes do vírus. Novas estimativas da OMC – Organização Mundial do Comércio apontam para alta de 8% do comércio mundial de mercadorias em volume em 2021, após contração de 5,3% em 2020. As projeções de outubro do ano passado eram de crescimento de 7,2% neste ano e declínio de 9,2% no ano passado.

A OMC prevê que o crescimento das trocas globais poderá desacelerar para 4% no ano que vem e que os efeitos da pandemia continuarão a ser sentidos,

de forma que o ritmo de expansão não permitirá um retorno aos níveis de antes da pior crise sanitária global da história recente. A projeção para 2021 se baseia em crescimento esperado de 5,1% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial, após a contração de 3,8% no ano passado. Em 2021, a demanda deverá ser dominada pela América do Norte, com alta de 11,4% turbinada pelas fortes medidas de estímulo adotadas pelos EUA.

O otimismo com o comércio exterior vem na esteira da recuperação da China e da surpresa com os Estados Unidos, que também devem crescer no ritmo chinês, acima de 6% neste ano. Após a eleição de Joe Biden foram lançados dois potentes pacotes de estímulo. O mais recente, vai injetar US\$ 2,3 trilhões em investimentos em infraestrutura. O plano visa segmentos específicos como banda larga, semicondutores, veículos elétricos e energia renovável, cujo efeito positivo pode repercutir em vários setores, beneficiando o Brasil mesmo que indiretamente.

O bom desempenho das contas externas e o provável superávit comercial recorde forçam uma valorização do real, ainda que contida pelo peso negativo das dúvidas sobre solvência fiscal e do baixo crescimento da economia brasileira. A apreciação da moeda brasileira possivelmente já teria jogado o dólar abaixo dos R\$ 5 se não fossem as intervenções do executivo e as travessuras do governo no péssimo desenho do orçamento de 2021. O Brasil não tem hoje problemas nas contas com o exterior, o dinheiro não está fugindo do país, embora a desconfiança se manifeste onde nos

últimos anos ela não existiu: nos investimentos diretos no país, sintoma de uma lesão estrutural grave.

Ademais, uma das raras boas notícias na economia brasileira no momento é o crescimento do saldo da balança comercial. A previsão é que o país pode praticamente dobrar o resultado do ano passado, que já foi um feito tendo em vista o estrago que a disseminação do novo coronavírus fez mundo afora entre a população e nas atividades econômicas. As transações globais (em valores) caíram 7% em 2020, segundo a Organização Mundial do Comércio (OMC). Apesar disso, o Brasil foi um dos raros países que avançou no ranking dos exportadores, ganhando uma posição, para o 26º lugar, com 1,2% do exportado globalmente.

A combinação de preços de commodities em alta, perspectiva de recuperação acelerada de mercados compradores, depreciação cambial e revisão da metodologia de contabilização de exportações e importações pelo Ministério da Economia resultou em nova elevação da projeção de superávits comerciais deste ano em relação a março, quando as estimativas já indicavam saldos robustos. A mediana para as projeções de saldo comercial ao fim de 2021 passou de US\$ 55,25 bilhões em março para US\$ 60 bilhões neste mês. Neste mês, 09 dentre 19 bancos e consultorias consultados indicam superávit de US\$ 70 bilhões ou mais, nível que superaria o recorde de US\$ 67 bilhões na balança comercial anual. A Secretaria de Comércio Exterior (Secex) estima US\$ 89,4 bilhões.

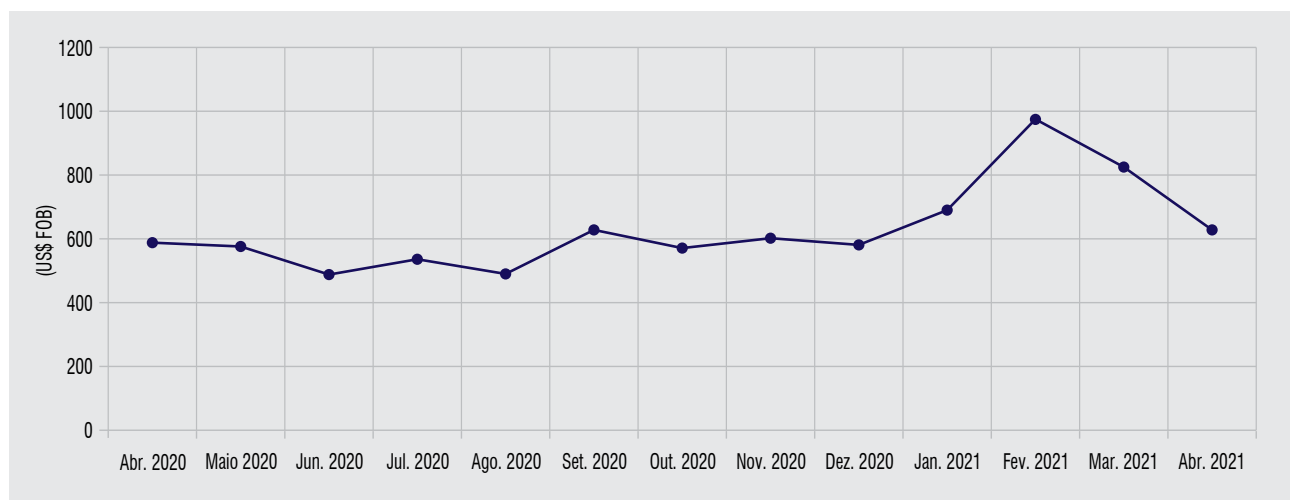


Gráfico 1 – Evolução dos preços médios de exportação – Bahia – Abr. 2020-2021

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 10/05/2021.  
Elaboração: SEI.



Apesar de estarem recuando sazonalmente, os preços dos produtos exportados pela Bahia, seguem acima do ano passado em média 33,4% até abril. O aumento de preços das commodities, que representaram cerca de 83% das exportações baianas, no quadrimestre de 2021 foi de 38% em relação ao mesmo período de 2020. Quando se analisam os índices de preços de exportações das commodities baianas, destacam-se

o negócio do cobre e outros produtos metalúrgicos, com alta de 81,3%, soja e derivados com incremento de 32%, derivados de petróleo, minerais e algodão com elevações respectivas de 52,5%, 42,1 e 5,4%, na mesma comparação. Os preços das não commodities cresceram também, mas em um percentual bem inferior, de 1,6%. Essa pressão de preços de commodities deve perdurar no decorrer de 2021.

**Tabela 2 – Exportações baianas  
Principais segmentos – Jan.-abr. 2020/2021**

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2020	2021			
Soja e Derivados	298.042	385.554	29,36	14,85	31,95
Papel e Celulose	363.938	344.122	-8,01	13,25	-8,12
Petróleo e Derivados	508.456	329.136	-35,27	12,67	52,51
Químicos e Petroquímicos	283.362	308.645	8,92	11,89	12,60
Metalúrgicos	149.977	249.178	66,14	9,60	81,29
Algodão e Seus Subprodutos	164.985	224.737	36,22	8,65	5,41
Minerais	67.833	174.156	156,74	6,71	42,09
Metais Preciosos	154.634	173.306	12,08	6,67	-32,91
Cacau e Derivados	66.120	71.999	8,89	2,77	-5,07
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	85.712	71.038	-17,12	2,74	-2,94
Café e Especiarias	45.878	56.057	22,19	2,16	-9,21
Borracha e Suas Obras	45.650	48.582	6,42	1,87	-9,19
Frutas e Suas Preparações	32.992	36.341	10,15	1,40	4,94
Sisal e Derivados	28.881	26.600	-7,90	1,02	-10,99
Couros e Peles	22.494	22.811	1,41	0,88	10,76
Automotivo	46.991	20.848	-55,64	0,80	-17,77
Calçados e Suas Partes	10.515	12.455	18,46	0,48	3,05
Carne e Miudezas de Aves	6.711	10.371	54,53	0,40	8,65
Fumo e Derivados	14.385	10.324	-28,23	0,40	-31,04
Demais Segmentos	17.485	20.583	17,72	0,79	133,34
<b>Total</b>	<b>2.415.040</b>	<b>2.596.843</b>	<b>7,53</b>	<b>100,00</b>	<b>33,44</b>

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 06/05/2021.  
Elaboração: SEI.

Com a retomada dos embarques, após o atraso na colheita, a soja e seus derivados voltou a ocupar a liderança da pauta de exportações baianas com vendas de US\$ 385,6 com crescimento de 29,4% ante igual período de 2020. O volume físico embarcado recuou 2%, na mesma base de comparação, o que evidencia a valorização do produto no exterior, em média de 32%, comparados a preços médios de igual período do ano anterior.

O agronegócio baiano exportou mais de US\$ 1,2 bilhão até abril, 13% acima de igual período de 2020. A alta do dólar ampliou a receita com os embarques, o que

aliado ao já denominado novo superciclo de commodities na praça, tende a favorecer picos de exportação para o produto bem como de outros da face agrícola desse fenômeno.

Básicos na alimentação humana e animal, milho e soja são grãos que continuaram a subir nas bolsas internacionais em abril, e não há no radar sinais de queda. Embalados pelo aumento das apostas dos investidores em ativos de risco, pela piora das relações entre oferta e demanda (que segue aquecida na pandemia, sobretudo na China) e por incertezas climáticas nos EUA e no Brasil, que lideram as exportações, a expectativa

é que as cotações até subam um pouco mais antes de cair - o que poderá acontecer no início do segundo semestre, com a entrada no mercado da colheita da próxima safra americana.

No caso de soja, a alta dos contratos foi de 7,5% ao longo do mês passado, e a média mensal atingiu US\$ 14,4938 por bushel - com avanços de 3% ante março, de 70,3% em relação a abril de 2020 e maior nível desde abril de 2014. Ante a máxima histórica de setembro de 2012 (US\$ 16,7596 por bushel), o valor foi 13,5% menor.

Também um super ciclo de preços das commodities metálicas - cobre, níquel, zinco e alumínio, entre outras matérias-primas de bens minerais -, como o de 2005 a 2008, poderá ser visto ainda este ano. É possível que ocorra partir do segundo semestre, com a forte retomada da economia dos EUA, a continuidade da demanda aquecida da China e o início de recuperação da Europa.

Analistas e especialistas que acompanham o mercado de metais de base compartilham a perspectiva desse cenário, com poucos sinais de desaceleração da demanda por commodities industriais nas economias desenvolvidas. O minério de ferro já quase superou seu maior valor, de 2008. Entre os produtos que pertencem a pauta baiana, o negócio do cobre (minério, fios e catodos), ferro ligas, e minério de níquel, registraram valorização e crescimento de volume e de preços, com destaque para o cobre e para o níquel com crescimento de 316,7% nas receitas do negócio do cobre e de 114,5% para o minério de níquel.

Já as exportações de papel e celulose registraram queda de 5,4% nas receitas até abril – US\$ 253 milhões, apesar do aumento do volume físico embarcado em 2,8%. Os preços da celulose de fibra curta perderam força na China, mas a tendência permanece positiva, segundo analistas que acompanham a indústria. Embora a possibilidade de novo reajuste no mercado chinês divida opiniões, não há expectativa de correção no curtíssimo prazo. Na Europa, por outro lado, as cotações devem continuar avançando e pode haver mais reajuste pela frente. Os preços médios do setor acusam redução de 8,1% no acumulado do ano, comparados a igual período de 2020.

As exportações de produtos químicos cresceram 8,9% no quadrimestre, a despeito de uma queda de 3,3% no volume (quantum) embarcado. A valorização do

petróleo pressionou o preço da nafta petroquímica, com reflexos nos preços dos produtos químicos. No mercado doméstico, o real desvalorizado amplificou essa pressão e o índice de preços dos produtos químicos teve alta real de 27,8% em 12 meses.

A queda no volume das exportações mostra a priorização dada ao mercado local. E a manutenção do ritmo positivo depende do desempenho econômico, da melhora da competitividade do setor frente aos competidores internacionais e de como a pandemia de covid-19 impactará os setores clientes da química. A aprovação do novo marco legal do gás é positiva para a indústria, mas é preciso que o país avance nas reformas estruturais especialmente antes da extinção do Regime Especial da Indústria Química (Reiq), o que representará um aumento na carga tributária na base do setor.

A China, que ocupa desde 2012 o posto de principal comprador dos produtos baianos, permanece na liderança dentre os principais destinos para as vendas externas da Bahia no quadrimestre, com compras que totalizaram US\$ 698 milhões. Esse valor foi 30,2% maior que em igual período do ano anterior, por conta do aumento do volume embarcado principalmente de algodão, soja e minérios. O país respondeu no período, por 27% das exportações estaduais. Estados Unidos, Cingapura e Argentina vêm a seguir, com destaque para o recuo das vendas a Cingapura que chegou a (-38,3%), mas em recuperação com a volta dos embarques de óleo combustível que cresceu 152% em abril. A Argentina, mesmo com a redução nos embarques de automóveis, teve aumento de 5,4%, graças às maiores vendas de fio de cobre, produtos químicos e derivados de cacau.

# Importações

As importações baianas foram de US\$ 727,8 milhões no mês passado, com alta de 91,4% em comparação ao mesmo período de 2020. Foi o mês de maior volume de compras no ano. No acumulado até abril, as importações somam US\$ 2,43 bilhões, com crescimento de 37,3%. Apesar do efeito da base baixa de comparação, a maior demanda por bens importados acontece em um momento de recomposição de estoques pela indústria, em um ambiente de escassez interna de suprimentos e de alguma reação na atividade econômica.

No quadrimestre, registrou-se aumento de 79% na importação de combustíveis, sobretudo de nafta (61,8%) e de GNL – Gás Natural Liquefeito de 196,2%. Também houve incremento dos bens intermediários em 29%, com destaque para minério de cobre (50,5%), óleos de palmiste (157,7%) e fertilizantes (102%).

No quadrimestre, a importação, foi puxada, portanto pelos combustíveis, sobretudo de nafta (61,8%) e de GNL – Gás Natural Liquefeito de 196,2% e de bens intermediários, que avançaram 29%, com destaque para minério de cobre (50,5%), óleos de palmiste (157,7%) e fertilizantes (102%). Essas duas categorias de atividade responderam por 88,3% do total dos desembarques. Como já afirmado, as compras foram puxadas principalmente por recomposição de insumos que sofreram desabastecimento no mercado externo e interno. Isso aconteceu mesmo com câmbio depreciado, porque o desabastecimento também contribuiu para elevar preços no mercado interno.

Ainda há muita instabilidade em função da pandemia e “é difícil” saber se o movimento irá se manter. A continuidade e ritmo desse movimento ainda dependam do câmbio e da recuperação da demanda doméstica.

Uma eventual recuperação mais forte da atividade econômica (já descartada no primeiro semestre) pode elevar as importações, mesmo com taxa de câmbio muito depreciada. Elas também podem ainda ter impacto de preços pressionados em razão de desabastecimentos na cadeia global.

Com os resultados do quadrimestre, a Bahia acumulou um superávit de US\$ 168 milhões em sua balança comercial, resultado de exportações de US\$ 2,6 bilhões, aumento de 7,5% e de importações de US\$ 2,43 bilhões, incremento de 37,3%. A corrente de comércio (soma das exportações e importações) chegou a US\$ 5 bilhões com crescimento de 20,1% sobre igual período de 2020.

**Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-abr. 2020/2021**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2020	2021	Var. %	Part. %
Bens intermediários	1.014.292	1.308.706	29,03	53,88
Combustíveis e lubrificantes	467.759	837.090	78,96	34,46
Bens de capital	218.299	196.925	-9,79	8,11
Bens de consumo duráveis	24.908	48.570	95,00	2,00
Bens de consumo não duráveis	41.357	37.564	-9,17	1,55
Bens não especificados anteriormente	2.974	2	-99,94	0,00
<b>Total</b>	<b>1.769.588</b>	<b>2.428.856</b>	<b>37,26</b>	<b>100,00</b>

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 06/05/2021.

Elaboração: SEI.

OBS.: importações efetivas, dados preliminares.



SECRETARIA DO  
PLANEJAMENTO

